



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação, Diversidade e Diferença

Sinop, v. 11, n. 1 (28. ed.), p. 122-130, jan./jul. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

SEÇÃO ENTREVISTA

A DIVERSIDADE E A DIFERENÇA NÃO TÊM UMA NATUREZA, NÃO HÁ NENHUMA ESSÊNCIA QUE DEFINA O QUE É DIFERENÇA

ANETE ABRAMOWICZ

Esta edição da **Revista Eventos Pedagógicos** propõe o debate acerca da diversidade e diferença articulado ao campo da educação em diálogo com as demais aéreas do conhecimento. Nesse sentido, o conceito de diversidade e diferença é tencionado a partir da perspectiva defendida por nossa entrevistada, a Dr^a Anete Abramowicz, que percebe as diferenças como geradoras das diferenças trazendo para o debate a compreensão da diferença em uma perspectiva positiva, ou seja, diferenças que façam diferenças e que não sejam tomadas como apêndices, mantendo-se intacto aquilo que é visto como central, hegemônico e universal e, a diversidade como possibilidade de ampliar o campo do capital que se insere constantemente em subjetividades antes intactas. Ou seja, a diversidade entendida como uma forma de governo exercido pela política pública, como uma estratégia de apaziguamento das desigualdades e de esvaziamento do campo da diferença cuja função é borrar as identidades e quebrar as hegemonias.

A entrevistada é docente da Universidade de São Paulo (USP), bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1979), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Em 2010 concluiu o estágio de pós-doutoramento no Centre de Recherche Sur Les Liens Sociaux (CERLIS) na Universidade Descartes em Paris na área da Sociologia da Infância. Atualmente é professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) de 2003 a 2005, coordenadora do FORPRED da ANPED e vice-coordenadora do GT de 0 a 6 anos

da ANPED, editora responsável da Revista Eletrônica de Educação (REVEDUC) de 2007 até 2017 e atualmente é editora honorária e Professora Titular Sênior da Universidade Federal de São Carlos.

As pesquisas desenvolvidas pela pesquisadora abordam os temas na área de Educação com ênfase na criança e infância, sociologia da infância, diferenças, relações raciais, etárias e de gênero. Em 2010 recebeu a bolsa produtividade do CNPq e coordena o grupo de pesquisa “estudos sobre a criança, a infância e a educação infantil: políticas e práticas das diferenças” criado em 1998.

Organizou inúmeros livros, entre eles destaque as seguintes publicações e parcerias: **Educação e raça** com Nilma Lino Gomes, **Afirmando as diferenças: montando o quebra-cabeças da diversidade na escola** com Valter Silvério, **Educação Infantil e diferenças** com Michel Vandebroek e **A reconfiguração da escola** com Miguel Arroyo, **Infância e Pós-estruturalismo** com Gabriela Tebet entre outros.

Ivone Jesus Alexandre

1 – Ivone Jesus Alexandre: Como você define a natureza da diversidade e diferenças sociais e culturais?

Anete Abramowicz: Na realidade, a diversidade e a diferença não têm uma natureza, ou seja, não há nenhuma essência que define o que é diferença. Vou dar um exemplo na minha área que é a infância. A criança, por exemplo, foi uma diferença que emergiu em determinado momento histórico com determinadas características. Lógico que criança, este ser pequeno, sempre existiu na realidade social, mas a criança, como centro das atenções, com singularidades que as diferenciam dos adultos, com particularidades produzidas só para elas como por exemplo: moda, literatura infantil, pediatria, escola emerge com algumas especificidades próprias para elas a partir do século XIX, pois alguma diferença foi produzida. Isto significa dizer que tudo que tem na realidade social são formas produzidas, por forças (estéticas, econômicas, discursivas, não discursivas etc.) que fazem emergir as formas de determinadas maneiras em um momento histórico e cujas formas podem se modificar ou até desaparecer. Isto vale para a ideia de verdade, para a criança, para o estado etc. A verdade nunca é a mesma, há que se

entender como determinada verdade se configura como tal, e as verdades mudam. Deste ponto de vista tudo é histórico porque tudo emerge, pesquisar significa buscar as forças que fizeram as formas emergir, e não há nenhuma essência e nem origem. Deste modo, o que existe na realidade social são diferenças. Há formas específicas que se hegemonomizam como verdades e como universais, mas não passam de formas que devem ser analisadas para que entendamos como emergiram como verdades e, pesquisar é mostrar como uma forma se torna hegemônica e combatê-la, quando necessário. Quando a criança emerge como forma na atmosfera científica ocidental, ela emerge com uma cor e que pretende se universalizar, deste modo há que se combater esta forma hegemônica de representar criança em geral, “universal”: branca, cristã etc. O movimento negro quando luta por representação, tem razão, há que se representar crianças de todas as formas possíveis.

Alguns pensadores assim chamados de filósofos da diferença têm em Friedrich Nietzsche uma espécie de “ancestral” desta concepção e cuja concepção foi impulsionada por Gilles Deleuze que realiza uma espécie de enfrentamento teórico com Georg Wilhelm Friedrich Hegel e a dialética, afirmando a diferença.

2 – Ivone Jesus Alexandre: Como a diferença de raça, no sentido sociológico, se articula às diferenças de categorias de classe, gênero e sexualidade?

Anete Abramowicz: Estes são os chamados marcadores sociais da diferença, há muitos outros marcadores que não têm uma definição à priori e que a pesquisa e o trabalho empírico, na realidade social, fazem emergir outros marcadores de diferença.

A importância destas categorias como gênero e raça, por exemplo, é que elas também são estruturais, tais como a classe social, ou seja, durante um tempo, em certa leitura marxista supunha-se que classe social era a estrutura que organizava todas as outras. Achava-se que ela determinava mesmo que em última instância os outros marcadores sociais. Sabemos hoje que raça é estruturante também da realidade social e o racismo tem a ver com a cor da pele e não só com a pobreza e com a escravidão. Achille Mbembe (2016; 2018)¹ que é um historiador camaronês

¹ MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.
MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 250.

mostra que escravidão sempre existiu na história social, mas não pela cor da pele. Também Achille Mbembe mostra a maneira pela qual o capitalismo é estruturado, ou seja, no DNA do capitalismo, tem o racismo, tem o trabalho negro, não há como pensar capitalismo sem trabalho negro. Assim como o gênero, a disputa está aí no Brasil, qual será o sexo da nação, qual será a cor “própria” das meninas e dos meninos etc. É uma disputa pela identidade nacional que perpassa todos os marcadores sociais.

3 – Ivone Jesus Alexandre: Como a senhora analisa historicamente o debate sobre educação, diversidade e diferença enquanto linha teórica?

Anete Abramowicz: Uma tese defendida no PPGE da UFSCar por Silvio Munari ele termina a tese com a frase:

Para cada vida, uma linha. Para cada linha, uma pedagogia. Isso estava debaixo do nosso nariz o tempo todo e não vimos. As pedagogias, no plural, mantêm íntimas relações com o simulacro. De produção e de reprodução. Elas querem distância da Ideia e não querem ser cópia de nada. O movimento aberrante (LAPOUJADE, 2015) que animou a minha tese foi o de pensar pedagogias, no plural. A redução de uma multidão qualquer a uma única pedagogia era por demais incômodo².

Isto quer dizer que a pedagogia trabalha com a ideia de povo, esta ideia é unificante: um povo, uma língua, uma cor, um sexo, há que se propor para aquelas/es que pensam a educação na linha da multiplicidade, pensar na direção da multidão e não do povo, pois multidão nada unifica, só se multiplica. Escrevemos em um artigo na revista da Pró-Posições da UNICAMP (2009, p. 62) a ideia de que:

Se se quer produzir diferença é porque ela está ali e precisa fazer valer sua potência política, precisa ser tirada do lugar do estranho, do horrível e da aberração. Mas isso num movimento não de conversão em lucro para o capital, que tem sido hábil em lhes retirar o que têm de único e talvez último, que são sua potência e sua vida. A diferença precisa ser retirada da cena onde foi satanizada para ser recolocada na multidão, onde a paisagem é indefinida, onde não se sabe exatamente quem é quem e o que é o que, mesmo porque ela é nômade: quem estava ali não está mais, quem chegou já saiu³.

² MUNARI, Silvio. **Linhas de errância:** vidas precárias e pedagogias. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos-PPGE/UFSCar, São Carlos, 2017. p. 111.

³ ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Infâncias em Educação Infantil. **Pro-posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 179-197, dez. 2009. Disponível em:

Na realidade a diferença na educação é pensada como desvio, é preciso retirá-la deste lugar para entendermos que uma pedagogia se faz na diferença, ela não só aceita, tolera diferenças, ela deve produzi-las e para isto vale a ideia de que para cada vida, uma pedagogia.

4 – Ivone Jesus Alexandre: Quais diferenças são mobilizadoras no espaço escolar?

Anete Abramowicz: Uma sala de aula é aparentemente homogênea. Mas às vezes há um determinado corpo que visibiliza a heterogeneidade, seja por causa dos seus gestos, trejeitos, diferenças que fazem “fugir” as ordens hegemônicas de poder e saber, e que nos coloca de imediato na questão da diferença. Há padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade, há um padrão hegemônico de cor e de que maneira os cabelos devem estar em uma sala de aula, e é função das/os professoras/es produzir pedagogias para as vidas que estão na sala de aula, em geral, aquelas que estão e são silenciadas, cujas vidas são precárias, não hegemônicas, quando não oprimidas pela e na realidade social. É importante que se diga que estes padrões normalizadores e moralizadores se hegemonizaram a partir dos desterramentos de outros saberes, e se arrogam como universais, ao ponto de ouvirmos o presidente de extrema direita dizer que há que se fazer cultura para a maioria, isto é totalmente falso, esta maioria se arroga como tal. A primeira experiência pública de vida coletiva para muitas crianças é a escola, e aí elas percebem que são negras e que há hierarquias de cor, e se deparam com o racismo; se não pertencem às sexualidades hegemônicas se deparam com a homofobia. Ou seja, a escola é para muitas crianças a primeira experiência de fascismo e de ódio, que sua diferença é vista e na maioria das vezes a diferença é posta como um desvio de uma certa norma – totalmente arbitrária – e não como diferença.

Paul B. Preciado (2017) nos conta sobre o suicídio do jovem Alan que:

Não houve, todavia, acidente: mais da metade dos adolescentes trans e homossexuais dizem ser objeto de agressões físicas e psíquicas no colégio. Não houve exceção: as cifras mais altas de suicídio se registram entre os adolescentes trans e homossexuais⁴.

Ele se pergunta:

Mas, como é possível que o colégio não foi capaz de proteger Alan da violência? Sejamos breves: o colégio é a primeira escola de violência de gênero e sexual. O colégio não só não pôde proteger Alan, senão que facilitou as condições de seu assassinato social.

A escola é também um campo de luta e de batalha e neste campo teórico a escola é produtora de sujeitos e de subjetividades, e é o lugar da normalização de tipos de vidas. Como campo de luta, há que se formar professoras/es que necessitam des-normalizar a escola como diz Paul B. Preciado⁵, e produzir diferenças, não é uma coisa fácil, é uma tarefa permanente onde a diferença e a multiplicidade sejam o mote educativo.

5 – Ivone Jesus Alexandre: Como analisa essa temática no contexto atual, conservador e de extrema direita?

Anete Abramowicz: Estamos em guerra neste momento. Não há como ter ilusões parece paz, mas é guerra. O filósofo Peter Pál Pelbart⁶ afirma algo bem interessante:

Vivemos uma regressão a passos de gigantes, inversão dos valores, o crime é chamado de segurança, a perseguição de justiça, o genocídio de pacificação, a destruição é chamada de salvação, o ódio de patriotismo, a guerra de paz e eu acrescento a universidade de balbúrdia. Diante de um revanchismo sanguinário e a sede de vingança avassaladora contra tudo do que é nos é caro, cresce em nós a cada dia a vergonha e a desolação.

Ele continua:

⁴ PRECIADO, Paul B. Uma escola para Alan. Trad. e adap. de Inaê Diana Lieksa.

TRANSFEMINISMO: feminismo interseccional relacionado às questões Trans. 1 jan. 2017. Texto original disponível no blog Parole de Queer. Disponível em: <https://transfeminismo.com/uma-escola-para-alan/>.

⁵ PRECIADO, Paul B. Uma escola para Alan. Trad. e adap. de Inaê Diana Lieksa.

TRANSFEMINISMO: feminismo interseccional relacionado às questões Trans. 1 jan. 2017. Texto original disponível no blog Parole de Queer. Disponível em: <https://transfeminismo.com/uma-escola-para-alan/>.

⁶ PELBART, Peter P. Palestra na PUC de São Paulo, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/16FFWdF8SS5l-gP5mZ6-l_F7FalkT8n3l/view.

A linguagem perdeu sua eficácia, os sentidos foram virados do avesso, as palavras foram arrastadas para uma inefetividade, como se não se importasse em absoluto o que se diz, o que se escreve, o que significa, um certo esvaziamento do pensamento, privados das palavras do corpo da vida vivemos a depauperação da experiência do que nos falava Walter Benjamin, quando mostrou que diante da guerra e da fome e da humilhação, ficamos mais pobres do que antes de experiências comunicáveis, não mais ricos, não estamos diante da guerra, inflação, humilhação, pobreza tal como os combatentes de 1914, mas é necessário hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza, o depauperamento da linguagem, o esvaziamento das relações nada constitui uma fatalidade existencial, intrínseca a natureza humana, que constatamos agora ser o pão nosso de cada dia. O que está em jogo é uma forma de vida depauperada. Nós topamos o depauperamento e é contra isto que temos que lutar entre nós.

Neste momento, há uma necropolítica, termo cunhado por Mbembe⁷, que mata seja pela adesão silenciosa do estado, e mais do que isto pelo incentivo à violência contra os LGBTI+, contra os negros, contra os pobres e também contra as mulheres. Ou seja, a violência da extrema direita desde o golpe, desde o Michel Temer é contra tudo o que sempre nos foi muito caro, que é o tema da diferença. O que mostra que estávamos certos, a diferença tem um potencial disruptivo que temos que investir.

6 – Ivone Jesus Alexandre: De que forma a escola pode trabalhar essas diferenças diante do contexto político atual? É possível ainda um trabalho emancipador?

Anete Abramowicz: Trabalhar com as diferenças não é uma tarefa fácil, pois é preciso fazer e viver diferenças em si mesmo, ou seja, há que se produzir diferenças em nós, e não é fácil. As crianças aprendem não aquilo que dizemos a elas, mas aquilo que fazemos, nas nossas ações mais ínfimas e íntimas. Este momento exige uma ética do presente, somos responsáveis pelo nosso presente, uma vida boa, não é aquela que desfrutamos a sós com nossas famílias restritas, dizia Judith Butler (2014)⁸ é difícil uma vida boa tendo ao lado pessoas que nada têm, cujas existências estão em risco devido sua cor, sua sexualidade, sua precariedade etc. Somos totalmente responsáveis pelo nosso presente, o problema do fascismo é que ele está espreado no tecido social, está em nossa família, no nosso condomínio, na nossa escola, é aí que temos que atuar permanentemente.

⁷ MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

⁸ BUTLER, Judith. **Qu'est-ce qu'une vie bonne?** Paris: Éditions Payot & Rivages, 2014.

7 – Ivone Jesus Alexandre: Quais os limites e possibilidades teóricas e práticas docente (da educação infantil a universidade) para pensar a realidade social a partir da ideia de raça?

Anete Abramowicz: Não há como pensar a realidade social, a atmosfera científica ocidental, sem pensar raça. A 1ª revolução moderna foi a revolta do Haiti, mesmo que estudemos a revolução francesa como sendo a revolução da era moderna. Hegel construía a dialética do senhor x escravo com a revolução do Haiti em curso, e nada falou sobre isto. Paulo Freire quando escreveu seu livro **Pedagogia do oprimido**⁹ se inspirou, ao falar do oprimido, em Frantz Fanon, no livro **Os condenados da terra**¹⁰. Grada Kilomba pós-colonialista, recentemente em uma mostra na pinacoteca de São Paulo, nos mostrava o patriarcado que se erige na concepção do Édipo, por exemplo. O Brasil em seu DNA social na construção do perverso capitalismo brasileiro tem sangue negro e nos estrutura como uma sociedade racista. Com disse a Nilma Lino Gomes¹¹ as placas tectônicas de formação do Brasil são racistas e sobre elas nos subjetivamos. E tal é a violência deste governo de extrema direita contra todas as pautas da diferença que nos são caras, porque de alguma maneira mexemos nestas placas. O que isto quer dizer é que não há diagnóstico possível de se fazer sobre o presente sem que raça esteja presente de maneira estrutural.

Correspondência:

Ivone Jesus Alexandre. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professora Adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Curso de Pedagogia. Integra o Núcleo de Estudos sobre Gênero, Raça e Alteridade (NEGRA). Participa do grupo de pesquisa Diversidade Relações raciais e alteridade (DRAG). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: jesusalexandre.ivone@gmail.com

Anete Abramowicz. Pós-doutora em Sociologia da Infância pela CERLIS (Centre de Recherche Sur Les Liens Sociaux) na Universidade Paris Descartes em Paris na área da Sociologia da Infância. Doutora em Educação pela Universidade de Campinas. Professora titular na Universidade de São Paulo (USP). Editora honoraria da Revista Eletrônica de Educação (REVEDUC). É Professora Titular Sênior da

⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

¹⁰ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 275 p.

¹¹ GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

Revista Even. Pedagog.

Número Regular: Educação, Diversidade e Diferença
Sinop, v. 11, n. 1 (28. ed.), p. 122-130, jan./jul. 2020

Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail:
aneteabramo@gmail.com

Recebido em: 19 de maio de 2020.

Aprovado em: 25 de maio de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4008/2727>